

COMÉRCIO. Percentual restante é dividido com flores, cachaça e outros produtos menos expressivos

Setor químico exporta até 15%

Para economista, se houver avanço no setor industrial no estado pode ser que os produtos químicos consigam, de novo, recuperar o espaço perdido

THIAGO GOMES
REPÓRTER

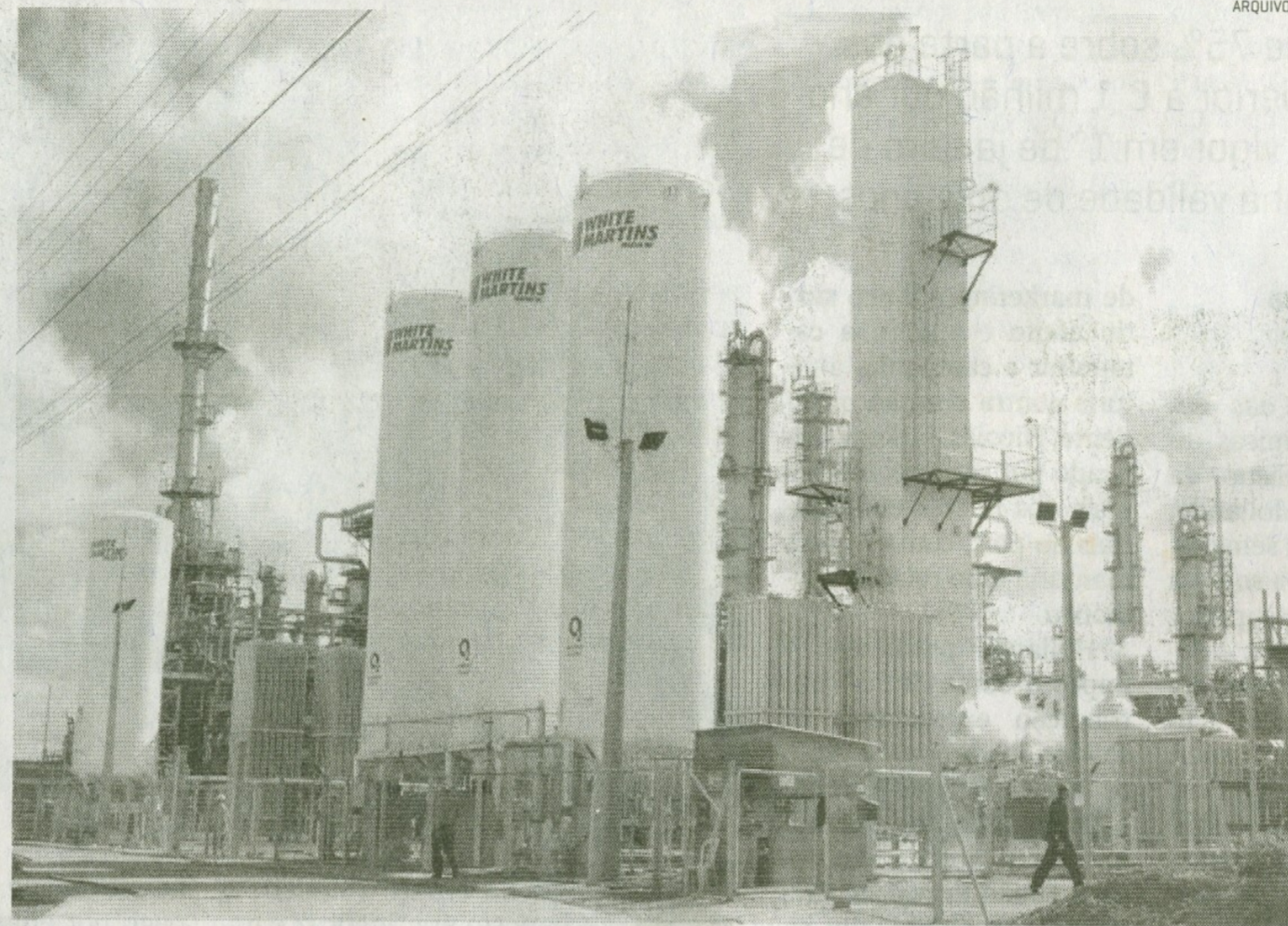
Os produtos químicos têm ampliado, ao longo dos anos e de forma gradativa, o espaço no cenário internacional. Eles já chegaram a representar entre 15% e 20% do volume de exportações em Alagoas. Mas, a dependência da monocultura da cana-de-açúcar fez o estado sufocar um pouco o setor. Para o economista Agnaldo Gomes, se houver avanço no setor industrial no estado pode ser que os produtos químicos consigam, de novo, recuperar o espaço perdido. Atualmente, o setor fica com uma fatia de, no máximo, 15%. E o percentual varia muito de mês para mês.

“Quando se fala em produtos químicos, refere-se, basicamente, a soda cáustica e cloro, os principais exportados de Alagoas pa-

ra outras localidades do Brasil e do mundo.

A média histórica de exportações do açúcar tem sido próxima a 80%. Os produtos químicos respondem por 14% e 15%. O restante é dividido com flores, cachaça e outros produtos menos expressivos. O grande diferencial mesmo é do setor sucroalcooleiro (açúcar).

Para o economista e professor da Ufal, não pode comparar Alagoas com Pernambuco e a Bahia, que têm outros produtos de exportação. “O nosso estado só tem o açúcar. O comportamento dos estados vizinhos, em relação ao açúcar, é o mesmo, tendo em vista os fatores que já mencionei anteriormente. Em Sergipe, por exemplo, as exportações não são significativas, mas têm avançado muito em produtos químicos. Mesmo assim, o estado não tem



parâmetro de comparação com Alagoas. Pernambuco e Bahia tem uma pauta exportável muito maior”, observa Agnaldo Gomes.

Segundo ele, a Federação das Indústrias do Estado de Alagoas (FIEA) faz um trabalho importante, que é divulgar os produ-

tos em um número maior de mercados. A intenção é diversificar para compensar as perdas. “No momento em que uma economia esteja com baixo crescimento, a outra está melhor e a tendência é que se compense nas exportações para não complicar tanto.

Por enquanto, a estratégia da instituição tem surtido efeito”, acredita, ressaltando que a cadeia produtiva de cachaça em Alagoas conta com um trabalho importante de divulgação lá fora, mas com pouca influência no cenário internacional. A cadeia tem conseguido, na avaliação do economista, recuperar a economia de muitas pessoas.

Para diversificar o leque de opções para exportação, a sugestão dele seria abrir espaço para a questão artesanal. No Brasil, o setor tem crescido muito, mas a exposição internacional é deficiente. A tradição da produção da cachaça e as flores também poderiam ser melhor apresentadas. “Entretanto, não

se pode esperar resultado a curto-prazo. O que poderia era talvez fazer investimento que pudesse gerar diferencial de setor industrial basicamente – ou mesmo do setor de serviços – que pudesse ter um resultado imediato. O que se espera é um planejamento adequado”, pontua.

O professor diz que Alagoas tem uma política delineada de exportação. E a federação vem trabalhando muito com o suporte do Sebrae, mas ainda não consegue gerar tanto diferencial.

Outro ponto a ser analisado é o período mais favorável para as exportações, que é entre março e outubro, quando as economias trabalham em pleno vapor.

ADRIANO CA
ARQUIVO GA

A Braskem a maior produtora do setor de químico-plástico de Alagoas, abastecendo tanto o mercado interno como o internacional